

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**PROJETO CAPAZ: UM ESTUDO SOBRE COMUNICAÇÃO DE VALORES MORAIS
AOS ADOLESCENTES E JOVENS DA ESCOLA ESTADUAL JOCENY VILELA
CURADO EM JUNDIAÍ**

JULIANA MARIA DA SILVA FONSECA GONÇALVES

São Paulo

2025

Juliana Maria da Silva Fonseca Gonçalves

**PROJETO CAPAZ: UM ESTUDO SOBRE COMUNICAÇÃO DE VALORES MORAIS
AOS ADOLESCENTES E JOVENS DA ESCOLA ESTADUAL JOCENY VILELA
CURADO EM JUNDIAÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final no curso de Bacharel em
Teologia da Faculdade Teológica Batista de
São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Kenji Yamabuchi

São Paulo

2025

Gonçalves, Juliana M. da S. Fonseca

Projeto Capaz: um estudo sobre comunicação de valores
morais aos adolescentes e jovens da Escola Estadual Joceny
Vilela Curado em Jundaí. / Juliana M. da S. Fonseca Gonçalves. –
São Paulo, 2025.

36 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) -
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Kenji Yamabuchi

1. Projeto capaz. 2. Valores morais. 3. Evangelho. 4. Escola.

5. Adolescentes. I. Título. II. Yamabuchi, Alberto Kenji

CDD 259.23

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

JULIANA MARIA DA SILVA FONSECA GONÇALVES

PROJETO CAPAZ: UM ESTUDO SOBRE COMUNICAÇÃO DE VALORES MORAIS
AOS ADOLESCENTES E JOVENS DA ESCOLA ESTADUAL JOCENY VILELA
CURADO EM JUNDIAÍ

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alberto Kenji Yamabuchi - Orientador

Profa. Dra. Fatima Cristina Costa Fontes - Leitora

São Paulo

2025

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso:

Ao meu pai Antonio, por me incentivar a conhecer e amar as Sagradas Escrituras.

A minha mãe Neide, por me ensinar a servir em todo tempo.

Ao meu esposo Roberto, por seu amor e apoio incondicionais.

Ao meu amado filho Antonio, por me mostrar na prática a vivência do amor sacrificial.

Aos meus avós, Lázaro e Maria, por serem meus exemplos de servos de Cristo.

A minha amiga e irmã em Cristo Najara, por me apresentar o Projeto Capaz e me ajudar nesta empreitada.

Ao pastor capelão Antônio, por demonstrar um coração ardente em amor pelas almas.

AGRADECIMENTO

Agradeço de todo o coração:

A Deus, que me criou e me salvou para o louvor da sua glória, e me dá o privilégio de poder participar da sua missão neste mundo.

A minha família, pela presença e apoio.

Ao professor Alberto Kenji, meu orientador, por compartilhar seu conhecimento e dar o suporte necessário.

Ao Marcos Vinícius Batista de Souza (Cola), por ser o criador e mentor do Projeto Capaz.

A equipe de diretoria e coordenação da Escola Joceny Vilela Curado, pela porta aberta e parceria com o Projeto Capaz.

A toda equipe do Capaz, que faz com que o projeto seja uma realidade na vida dos alunos.

“A missão da Igreja inclui tanto a proclamação do Evangelho quanto a demonstração do Evangelho. Não devemos nunca divorciar o que Deus uniu.”

John Stot

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa o Projeto Capaz, uma iniciativa de cunho educacional e cristão desenvolvida na Escola Estadual Joceny Vilela Curado, em Jundiaí – SP, com o objetivo de promover a formação ética de adolescentes e jovens por meio do ensino de valores morais à luz do Evangelho. A pesquisa parte da constatação de que o contexto social contemporâneo é marcado por crises éticas, enfraquecimento dos vínculos humanos e carência de referenciais que orientem o comportamento dos estudantes. Diante desse cenário, o estudo propõe investigar de que maneira a vivência dos princípios cristãos, aplicados em atividades reflexivas e práticas realizadas semanalmente em sala de aula, contribui para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, melhorando sua convivência e estimulando a construção de uma cultura de paz. O referencial teórico articula fundamentos históricos, filosóficos, pedagógicos e bíblicos sobre valores morais, explorando a influência da tradição cristã desde os primeiros séculos até experiências educativas contemporâneas. O Evangelho é apresentado não apenas como mensagem espiritual, mas como prática transformadora, com forte impacto nas relações humanas e na vida comunitária. A metodologia adotada baseia-se em análise documental, observação participante e relatos qualitativos dos envolvidos no projeto. Os resultados indicam que o Projeto Capaz tem gerado mudanças significativas na postura dos estudantes, fortalecendo o respeito mútuo, a empatia e o senso de responsabilidade social. Conclui-se que, mesmo em um Estado laico, é possível desenvolver ações educativas com base em princípios cristãos universais, desde que respeitada a liberdade de consciência e a pluralidade cultural. O estudo reforça a importância de projetos que unam fé e educação na formação integral dos jovens, destacando o papel da escola como espaço privilegiado para a promoção de uma cidadania mais justa, ética e solidária.

Palavras-chave: Projeto Capaz. Valores morais. Evangelho. Social. Escola. Jovens. Adolescentes.

ABSTRACT

In a context marked by rapid social changes, ethical disorientation, and the weakening of human relationships, this study addresses the role of schools in fostering moral values as a foundation for ethical and empathetic coexistence. This final undergraduate paper investigates the "Projeto Capaz" (Capable Project), implemented at Escola Estadual Joceny Vilela Curado, in Jundiaí – SP. The project seeks to promote moral values based on the Gospel through reflective and practical activities involving middle and high school students. Developed by Christian volunteers, it presents an educational and spiritual approach aimed at students' integral development. The research aims to analyze whether the project fosters significant reflection and behavioral transformation among participants, especially regarding the internalization of values such as respect, empathy, and social responsibility. Furthermore, it discusses the historical, philosophical, pedagogical, and biblical foundations of moral values and the Gospel's social application, from Early Christianity to contemporary educational settings. The study concludes that the lived experience of the Gospel, when integrated into school life, can effectively contribute to ethical formation and social transformation.

Keywords: Projeto Capaz. Moral Values. Gospel. Social. School. Young people. Teenagers.

1. SUMÁRIO

2.	INTRODUÇÃO	11
3.	HISTÓRICO, CONTEXTO E DESDOBRAMENTOS DO PROJETO CAPAZ.....	13
3.1.	SURGIMENTO DO PROJETO CAPAZ E SEU IDEALIZADOR	13
3.2.	O PROJETO CAPAZ NA CIDADE DE JUNDIAÍ	14
3.3.	O FUNCIONAMENTO DO PROJETO CAPAZ	14
4.	CONCEITUANDO VALORES MORAIS E SUA RELAÇÃO INTRÍNSECA COM O EVANGELHO.....	17
4.1.	OS PRIMEIROS CONCEITOS DE VALORES MORAIS NA HISTÓRIA	17
4.2.	CONTRIBUIÇÕES DE PENSADORES PARA A CONCEITUAÇÃO DOS VALORES MORAIS.....	19
4.3.	OS VALORES MORAIS SEGUNDO O PENSAMENTO JUDAICO-CRISTÃO.....	23
4.4.	O REINO DE DEUS E OS VALORES MORAIS.....	24
4.5.	JESUS CRISTO COMO EXEMPLO DE CONDUTA MORAL	25
5.	O EVANGELHO NA PRÁTICA A SERVIÇO DA SOCIEDADE	27
5.1.	O EVANGELHO COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA NA SOCIEDADE	27
5.2.	A EDUCAÇÃO COMO ESPAÇO DE ENCARNAÇÃO DOS VALORES DO EVANGELHO	28
5.3.	O PROJETO CAPAZ: EVANGELHO, EDUCAÇÃO E JUSTIÇA SOCIAL	29
6.	OS DESAFIOS DA TRANSMISSÃO DOS VALORES MORAIS NA ERA DA PÓS-VERDADE	31
6.1.	A CRISE DA VERDADE E O RELATIVISMO MORAL CONTEMPORÂNEO	31
6.2.	O IMPACTO DA PÓS-VERDADE NA EDUCAÇÃO E NA FORMAÇÃO ÉTICA	31
6.3.	O PROJETO CAPAZ COMO RESISTÊNCIA ÉTICA E TESTEMUNHO DE VERDADE	32
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

2. INTRODUÇÃO

Em um contexto de constantes transformações sociais, marcado por conflitos de valores, ausência de referenciais éticos e fragilidade das relações humanas, torna-se urgente refletir sobre o papel da escola como ambiente formador de cidadãos conscientes, empáticos e solidários. Nesse cenário, a transmissão de valores morais emerge como elemento fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e humanizada, especialmente entre adolescentes e jovens que enfrentam desafios emocionais, éticos e sociais no cotidiano escolar.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objeto de estudo o Projeto Capaz, desenvolvido na Escola Estadual Joceny Vilela Curado, na cidade de Jundiá – SP. Este projeto tem como proposta principal a promoção de valores morais à luz do Evangelho, por meio de atividades reflexivas e práticas que envolvem estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Com base na atuação de voluntários cristãos, o projeto propõe uma abordagem educativa e espiritual que favorece o desenvolvimento integral dos alunos.

A relevância do estudo está no fato de que o Projeto Capaz representa uma resposta prática e contextualizada ao chamado cristão de servir à sociedade, conforme apontado por Stott (2001), ao afirmar que “o cristão não é chamado a fugir do mundo, mas a influenciá-lo com a verdade e a compaixão do Evangelho”. Além disso, a pesquisa busca compreender como os valores morais transmitidos por meio do projeto impactam as relações interpessoais, promovem atitudes éticas e contribuem para a formação do caráter dos estudantes.

O capítulo 1 apresenta o histórico e os desdobramentos do Projeto Capaz, descrevendo sua implementação, metodologia e objetivos no contexto escolar. O capítulo 2 aborda os fundamentos históricos, filosóficos, pedagógicos e bíblicos dos valores morais, destacando sua relação intrínseca com os ensinamentos cristãos. Já o capítulo 3 trata da aplicação prática do Evangelho na sociedade, especialmente por meio de ações educativas, evidenciando a contribuição histórica da fé cristã para o bem-estar coletivo — da Igreja Primitiva aos dias atuais — e o impacto atual de iniciativas como o Projeto Capaz. Por fim, o quarto capítulo discute os desafios contemporâneos da transmissão dos valores morais na era da pós-verdade, marcada pelo relativismo e pela fragilidade dos referenciais éticos, propondo o Evangelho como

resposta ética e formativa capaz de resgatar a verdade, a empatia e a dignidade humana no processo educativo.

Dessa forma, este estudo visa analisar se o projeto tem gerado reflexões significativas na vida dos alunos, especialmente no que se refere à vivência e à internalização de valores morais. O trabalho parte da hipótese de que os estudantes envolvidos são incentivados à construção de uma convivência mais ética e fraterna, alinhada aos princípios do Evangelho, conforme expressos nas Sagradas Escrituras e vividos por Jesus Cristo.

Com isso, pretende-se contribuir para o fortalecimento do projeto, oferecer subsídios para sua replicação em outras escolas e fomentar a reflexão teórica e prática sobre o papel da fé cristã na formação moral de adolescentes e jovens em contextos educativos contemporâneos.

3. HISTÓRICO, CONTEXTO e DESDOBRAMENTOS DO PROJETO CAPAZ

3.1. SURGIMENTO DO PROJETO CAPAZ E SEU IDEALIZADOR

O Projeto Capaz, acrônimo de "Capacitando Pacificadores", surgiu com o propósito de suprir a carência de iniciativas estruturadas voltadas ao ensino de valores morais no ambiente escolar. Seu enfoque é oferecer uma abordagem metodológica e dinâmica, especialmente voltada ao público infantojuvenil.

Idealizado em 2014 por Marcos Vinícius Batista de Souza, conhecido como "Cola", o projeto teve início na cidade de São Vicente, no estado de São Paulo. Na época, Cola atuava como educador social na Associação Alfa e Ômega, desenvolvendo ações voltadas à promoção e proteção dos direitos de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Com o intuito de ensinar princípios e valores morais, Cola iniciou um trabalho voluntário na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Pacífico, situada em uma comunidade carente de São Vicente. Recebido com entusiasmo pela direção da escola e pelos alunos, o projeto foi ganhando novos contornos, até alcançar sua principal estrutura: encontros de 15 minutos em sala de aula, com dinâmicas e rodas de conversa sobre temas relacionados à moralidade e à convivência ética.

A proposta logo conquistou o apoio dos professores, que passaram a notar mudanças positivas no comportamento dos estudantes. Com o fortalecimento da iniciativa, novos voluntários foram incorporados, e o projeto ganhou suporte institucional por meio de uma parceria com a organização Mocidade Para Cristo (MPC). Essa parceria permitiu uma melhor estruturação do trabalho com adolescentes e jovens, ampliando o alcance da proposta pedagógica.

Desde então, o Projeto Capaz expandiu-se para além da Baixada Santista, alcançando mais de 23 escolas distribuídas por diferentes estados do Brasil, incluindo Amazonas, Maranhão, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. A atuação é realizada por voluntários vinculados a diversas denominações cristãs. Os conteúdos são organizados em dois cadernos pedagógicos intitulados *Eu Sou Capaz: Amar, Viver, Ensinar – ideias práticas e criativas para capelania escolar*.

A maioria das instituições atendidas são escolas públicas estaduais, com turmas do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, abrangendo a faixa etária entre 12 e 17 anos. As atividades ocorrem semanalmente e têm duração de aproximadamente 15 minutos por turma. Cada lição inicia-se com uma dinâmica de

interação, que visa despertar o interesse dos alunos e introduzir o tema do dia. Em seguida, abre-se espaço para escuta ativa, onde os estudantes são incentivados a expressar suas opiniões e experiências.

3.2. O PROJETO CAPAZ NA CIDADE DE JUNDIAÍ

Na cidade de Jundiaí, interior de São Paulo, o projeto teve início em 2020, na unidade da Fundação Casa. Contudo, a atuação foi interrompida poucos meses depois devido à pandemia da COVID-19. Após o período pandêmico, o Projeto Capaz foi retomado, inicialmente na Escola Estadual Albino de Melo, onde permaneceu por um ano. Em 2024, ingressou em seu segundo ano consecutivo de atuação na Escola Estadual Professora Joceny Villela Curado.

O contato com a escola Joceny ocorreu no final de 2023, quando a vice-diretora demonstrou interesse em conhecer o projeto. Após uma apresentação formal à equipe gestora da escola, foi realizado um café de boas-vindas para apresentar o Capaz ao corpo docente. Como etapa inicial, foi desenvolvido o programa “Escola da Vida”, idealizado pela MPC, com uma semana de palestras destinadas a alunos e professores. Os temas abordados — como bullying, respeito mútuo e comunicação não violenta — foram definidos em conjunto com a coordenação escolar, com base nos desafios enfrentados pela comunidade escolar.

A partir de 2024, o Projeto Capaz passou a ser implementado regularmente na escola Joceny, localizada no bairro Vila Comercial, região periférica de Jundiaí. Apesar de o município ser considerado economicamente desenvolvido, com alta renda per capita, o bairro apresenta índices de vulnerabilidade social que impactam diretamente o cotidiano dos estudantes.

3.3. O FUNCIONAMENTO DO PROJETO CAPAZ

Atualmente, o projeto está presente em todas as turmas da escola Joceny, abrangendo os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e o Ensino Médio, totalizando 12 salas. Entre três e seis voluntários participam das atividades semanais, utilizando os cadernos de lições para transmitir valores morais e éticos de maneira acessível e contextualizada. A metodologia inclui dinâmicas interativas que “quebram o gelo” e facilitam a aproximação com os alunos, que têm liberdade para se expressarem.

Além das atividades em grupo, muitos alunos demonstram interesse em conversas individuais, sendo encaminhados para atendimento com o capelão voluntário, especialmente em casos que envolvem questões emocionais ou espirituais. O Projeto Capaz busca, assim, atuar como parceiro da escola na construção de um ambiente mais respeitoso e acolhedor, fundamentado no compromisso mútuo entre educadores e voluntários.

Durante as visitas às salas de aula, os voluntários abordam temas relacionados à convivência harmoniosa entre alunos, professores e familiares, destacando que os valores morais são ferramentas essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e menos violenta. Como afirmam França e Vinicius (2022), “o projeto CAPAZ é um chamado para viver com propósito, fundamentado no amor e na fé, e com coragem para ensinar valores que transformam vidas” (p. 19). Os ensinamentos são ancorados na vivência cotidiana dos estudantes, tornando os conteúdos práticos e aplicáveis à realidade escolar.

Os valores promovidos pelo projeto estão profundamente alinhados aos princípios do Reino de Deus, conforme ensinados por Jesus nos Evangelhos. Embora o Estado brasileiro seja laico, a abordagem do Capaz evita o proselitismo religioso, tratando os valores cristãos como universais e bem aceitos pela maioria da população, mesmo que nem sempre praticados.

Do ponto de vista legal, o projeto encontra respaldo na Constituição Federal e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que prevê a oferta de ensino religioso nas escolas públicas. Ainda assim, os voluntários do Capaz sempre solicitam a anuência do professor titular da turma antes de iniciarem as atividades.

A estrutura de cada encontro segue um roteiro consistente: após as boas-vindas, uma dinâmica introdutória é realizada com a participação voluntária dos alunos, utilizando jogos, dramatizações, quizzes, entre outros recursos lúdicos. Pequenos brindes são oferecidos como forma de incentivo. Em seguida, o tema central é abordado por meio de histórias, exemplos práticos, comparações e perguntas que estimulam a reflexão. Muitas vezes, são utilizados versículos bíblicos relacionados ao tema, embora nem sempre explicitamente identificados como tal.

A convivência contínua entre voluntários, docentes e discentes contribui para o fortalecimento dos laços de confiança, criando um ambiente propício ao aprofundamento de temas sensíveis. Em várias ocasiões, os alunos expressam emoções intensas durante as atividades, especialmente quando os conteúdos tocam

experiências pessoais ou familiares. Nestes momentos, a escuta atenta e a empatia dos voluntários são fundamentais para o acolhimento e, quando necessário, o encaminhamento ao capelão escolar. França e Vinicius (2022) reforçam que “ensinar valores não é apenas transmitir ideias, mas cultivar experiências que inspiram e despertam o melhor de cada um” (p. 47).

Por fim, mesmo diante da seriedade dos assuntos tratados, os voluntários buscam manter uma abordagem leve, dinâmica e adaptada ao perfil juvenil dos participantes, assegurando o engajamento e o aprendizado significativo.

Os desdobramentos do projeto na escola têm se mostrado positivos, especialmente na mudança de atitudes e na melhoria das relações interpessoais entre os alunos. Muitos relatam maior consciência de si mesmos, respeito pelo outro e um novo olhar sobre a vida. Isso reforça a proposta de que o Evangelho, quando vivido de maneira prática, é capaz de gerar frutos concretos de transformação na sociedade.

4. CONCEITUANDO VALORES MORAIS E SUA RELAÇÃO INTRÍNSECA COM O EVANGELHO

Os valores morais são princípios orientadores que fundamentam as ações humanas no que diz respeito à distinção entre o certo e o errado, o justo e o injusto, o bem e o mal. Eles formam o alicerce ético das sociedades e influenciam diretamente o comportamento individual e coletivo. Embora possam variar entre culturas e épocas, esses valores costumam refletir padrões universais de convivência e dignidade. De acordo com Ricotta (2020, p. 19), "nossos valores são a base sobre a qual construímos nossas decisões e definimos nossas prioridades."

4.1. Os primeiros conceitos de valores morais na história

A discussão sobre valores morais remonta à Antiguidade. Civilizações antigas como a egípcia, a mesopotâmica, a grega e a romana já estabeleciam códigos de conduta baseados em princípios éticos e morais. Um exemplo notável é o Código de Hamurábi, datado de aproximadamente 1750 a.C., considerado um dos primeiros conjuntos de leis escritas, cujo objetivo era regular a justiça e preservar a ordem na Babilônia. Uma de suas leis afirma: "Se um homem destruir o olho de outro homem, terão que destruir seu olho. Se ele quebrar o osso de outro homem, terão que quebrar seu osso" (CÓDIGO DE HAMURÁBI, Lei 196-197, cerca de 1750 a.C.).

Na Grécia Antiga, os filósofos pré-socráticos já refletiam sobre a natureza da virtude e da moral, ainda que de maneira incipiente e vinculada à cosmologia e à ordem natural do universo. Contudo, foi com Sócrates, Platão e Aristóteles que surgiram os primeiros sistemas filosóficos estruturados sobre a ética, marcando um divisor de águas no pensamento ocidental. Sócrates, considerado o pai da ética, defendia a importância do autoconhecimento como caminho para a virtude, resumido em sua máxima: "Conhece-te a ti mesmo" (SÓCRATES, apud PLATÃO, 1996, p. 21). Para ele, a virtude era um saber e, portanto, podia ser ensinada; o erro moral advinha da ignorância. Platão, seu discípulo, aprofundou essa ideia ao relacionar o bem à ordem e à harmonia da alma, propondo uma ética baseada na busca do bem supremo e da justiça, conceitos que, em sua teoria das ideias, transcendem o mundo sensível. Já Aristóteles, discípulo de Platão, conferiu à ética um caráter mais prático e teleológico. Em sua *Ética a Nicômaco*, definiu a virtude como "uma disposição adquirida da alma que consiste em escolher o meio-termo relativamente a nós, determinado pela razão" (ARISTÓTELES, 2009, p. 36), enfatizando a importância da razão e do hábito na

formação do caráter moral. Sua concepção de ética da virtude destaca a busca pela *eudaimonia* — a felicidade ou florescimento humano — como fim último da vida moral, alcançada por meio do cultivo das virtudes no convívio social e na prática constante da excelência.

Durante a Idade Média, o pensamento moral foi profundamente influenciado pela teologia cristã, que passou a dominar o cenário intelectual europeu após a consolidação do cristianismo como religião oficial do Império Romano. Nesse período, a moralidade deixou de ser tratada apenas em termos filosóficos e passou a ser articulada dentro da cosmovisão cristã, em que o bem e o mal eram compreendidos à luz da vontade divina e da Revelação. Dois dos principais pensadores que marcaram essa síntese entre fé e razão foram Santo Agostinho de Hipona (354–430) e São Tomás de Aquino (1225–1274).

Santo Agostinho, influenciado pelo neoplatonismo, desenvolveu uma ética centrada na ideia de que o verdadeiro bem está em Deus, sendo Ele o fim último de todas as ações humanas. Para Agostinho, o amor a Deus ordena os demais amores e desejos do ser humano, enquanto o amor desordenado por bens terrenos leva ao pecado e à corrupção moral. Ele defendia que a vontade humana, embora livre, estava ferida pelo pecado original, e por isso necessitava da graça divina para escolher o bem. Assim, a moral cristã agostiniana valorizava a interioridade, a consciência e a busca constante pela conversão da alma.

São Tomás de Aquino, por sua vez, desenvolveu uma síntese monumental entre o pensamento aristotélico e a doutrina cristã, especialmente em sua obra *Suma Teológica*. Influenciado por Aristóteles, Tomás concebeu a moral como parte de uma ordem racional da criação, em que tudo tem um fim (*telos*) estabelecido por Deus. Ele afirma que “a lei moral natural é a participação da criatura racional na lei eterna” (AQUINO, 2003, p. 189), ou seja, o ser humano, dotado de razão, é capaz de conhecer os princípios do bem e do mal por meio da ordem natural inscrita por Deus na criação. Para Tomás, a lei natural é universal, imutável e acessível a todos os seres humanos, independentemente de revelação divina, embora esta última aperfeiçoe e eleve a compreensão moral.

Essa perspectiva medieval foi crucial para a consolidação da ideia de que os valores morais não são apenas convenções humanas, mas refletem uma ordem objetiva e transcendente. Além disso, influenciou profundamente a tradição moral ocidental,

sendo base para o pensamento escolástico, para o desenvolvimento do direito natural e, mais tarde, para as reflexões modernas sobre dignidade humana e direitos universais. A herança de Agostinho e Tomás de Aquino permanece presente nos debates éticos contemporâneos, especialmente na filosofia cristã e na doutrina social da Igreja.

4.2. CONTRIBUIÇÕES DE PENSADORES PARA A CONCEITUAÇÃO DOS VALORES MORAIS

Diversos pensadores ao longo da história contribuíram significativamente para a definição e o entendimento dos valores morais, moldando a reflexão ética nas mais diversas tradições filosóficas. No contexto da filosofia moderna, destaca-se a contribuição de Immanuel Kant (1724–1804), que propôs uma moralidade fundamentada exclusivamente na razão, rompendo com as concepções empiristas e utilitaristas de sua época. Kant elaborou o conceito de imperativo categórico como princípio fundamental da ação moral: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal” (KANT, 2007, p. 51). Em sua obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, ele defende que a moralidade não deve depender das consequências, desejos ou inclinações, mas sim do dever racionalmente reconhecido como universal. Para Kant, a dignidade humana é inviolável porque o ser humano, como fim em si mesmo, possui um valor intrínseco, que jamais deve ser instrumentalizado. Sua ética deontológica influenciou profundamente os fundamentos dos direitos humanos e das legislações modernas. Além disso, o kantismo representou uma virada paradigmática ao estabelecer a autonomia da vontade como núcleo da liberdade moral, colocando o ser humano como legislador de sua própria conduta ética. Essa perspectiva elevou o debate moral a um novo patamar, ao conceber os valores como normas universais derivadas da razão prática pura, aplicáveis a todos os indivíduos, independentemente de cultura, tempo ou religião.

Friedrich Nietzsche (1844–1900), por outro lado, fez duras críticas à moral tradicional, especialmente à moral cristã, que considerava fruto do ressentimento e da negação dos instintos vitais do ser humano. Em sua obra *A Gaia Ciência*, o filósofo proclamou: “Deus está morto. Nós o matamos” (NIETZSCHE, 2001, p. 120), uma metáfora poderosa que expressa a crise dos fundamentos metafísicos e morais da civilização ocidental. Nietzsche via a moral judaico-cristã como uma moral dos fracos, fundada

na submissão, na culpa e na renúncia às pulsões humanas, em oposição à moral aristocrática dos antigos, que valorizava a força, a criatividade e a afirmação da vida. Para ele, seria necessário realizar uma “transvaloração de todos os valores”, ou seja, superar os valores herdados por meio da afirmação da *vontade de potência*, conceito central em seu pensamento. Essa vontade não se refere ao poder no sentido político ou autoritário, mas à força criativa que impulsiona o ser humano a se superar constantemente. Nesse processo, Nietzsche apresenta a figura do *Übermensch* (além-do-homem ou super-homem), como ideal daquele que cria seus próprios valores, rompendo com os padrões morais herdados e vivendo de forma autêntica e afirmativa. Sua crítica radical à moral tradicional influenciou profundamente a filosofia contemporânea, sobretudo correntes existencialistas, pós-modernas e da crítica cultural.

No campo da pedagogia e da psicologia do desenvolvimento, destacam-se as contribuições de Jean Piaget (1896–1980) e Lawrence Kohlberg (1927–1987), que aprofundaram a compreensão sobre a formação dos valores morais na infância e adolescência. Piaget, em suas pesquisas sobre o desenvolvimento cognitivo e moral, observou que as crianças constroem seu entendimento sobre regras e justiça a partir da interação com o ambiente social e da progressiva descentralização do egocentrismo infantil. Em sua obra *O juízo moral na criança*, descreveu dois estágios principais do desenvolvimento moral: a moral heterônoma, baseada na obediência à autoridade, e a moral autônoma, em que a criança compreende e internaliza os princípios de equidade e cooperação. Posteriormente, Lawrence Kohlberg ampliou essas ideias e propôs uma teoria mais sistematizada do desenvolvimento moral em seis estágios agrupados em três níveis: pré-convencional, convencional e pós-convencional. Segundo ele, “o desenvolvimento moral é um processo que se dá em estágios, nos quais os indivíduos progressivamente compreendem os princípios da justiça” (KOHLBERG, 1981, p. 212). Para Kohlberg, o estágio mais elevado do desenvolvimento moral é aquele em que o indivíduo age com base em princípios éticos universais, como os direitos humanos e a equidade, mesmo que entrem em conflito com normas sociais estabelecidas. Essas teorias demonstram que os valores morais não são inatos, mas construídos ao longo da vida por meio de experiências, interações sociais e raciocínio ético, tendo grande impacto na educação e nas práticas pedagógicas voltadas à formação do caráter e da cidadania.

No Brasil, educadores como Paulo Freire (1921–1997) também defenderam uma pedagogia crítica voltada à emancipação ética e social dos alunos, propondo uma educação comprometida com a transformação da realidade e com a construção de sujeitos conscientes, ativos e responsáveis. Considerado um dos maiores pensadores da educação no século XX, Freire (1970) elaborou uma proposta pedagógica centrada na valorização do diálogo, da consciência crítica e da ação transformadora. Em sua obra mais conhecida, *Pedagogia do Oprimido*, o autor denuncia as estruturas opressoras presentes na sociedade e na escola tradicional, que ele chama de “educação bancária” — aquela que vê o aluno como recipiente passivo do saber, sem voz ou participação ativa no processo educativo.

Para Freire, a educação deve ser um ato político e ético, no qual o educando é reconhecido como sujeito histórico capaz de compreender criticamente sua realidade e atuar sobre ela. Ele propõe uma “educação problematizadora”, baseada no diálogo e na reflexão sobre a realidade concreta dos alunos, respeitando seus saberes e experiências. Essa abordagem promove o desenvolvimento de uma consciência ética, pois estimula o senso de justiça, solidariedade, respeito às diferenças e compromisso com o bem comum. A prática pedagógica, nesse contexto, torna-se um espaço de formação integral do ser humano, incluindo sua dimensão moral, social e política.

Além disso, Paulo Freire defendia que não há educação neutra: toda prática educativa envolve uma concepção de mundo e de valores. Assim, o educador deve assumir uma postura ética, pautada na amorosidade, no respeito à dignidade do outro e no compromisso com a libertação dos oprimidos. A ética em Freire não é apenas um conteúdo a ser ensinado, mas uma prática viva e contínua de escuta, acolhimento e diálogo transformador. Sua influência ultrapassou as fronteiras da educação brasileira e inspirou movimentos educacionais em diversos países, especialmente na América Latina e na África, tornando-se uma referência fundamental para propostas pedagógicas voltadas à justiça social e à formação de uma cidadania crítica e comprometida com a transformação do mundo.

Barros e Júnior (2021) apontam que a escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de valores humanos e morais, e que a educação deve ter como um de seus pilares a formação ética dos indivíduos. Segundo os autores, “a convivência escolar pode e deve ser um espaço de formação para a cidadania, para a solidariedade, para o respeito às diferenças e para o exercício do diálogo” (BARROS; JÚNIOR, 2021, p. 61).

Ricotta (2020), ao abordar os valores pessoais, destaca que a construção moral começa no interior do indivíduo, mas se projeta socialmente: “nossos valores são como um farol que guia nossas decisões, relacionamentos e objetivos” (p. 32). Assim, a reflexão sobre os valores pessoais e coletivos torna-se fundamental para a formação de uma sociedade ética.

O papel da fé cristã no desenvolvimento de uma moral social também foi evidenciado por movimentos históricos como o metodismo inglês no século XVIII, que se destacou por sua atuação transformadora tanto na esfera espiritual quanto nas estruturas sociais de sua época. Fundado por John Wesley (1703–1791), o metodismo nasceu no contexto da Revolução Industrial e da crescente desigualdade social na Inglaterra, oferecendo não apenas uma renovação espiritual, mas também um forte impulso ético em favor da justiça, da dignidade humana e da reforma moral da sociedade. Wesley acreditava que a verdadeira fé cristã deveria se manifestar em obras concretas de amor ao próximo e responsabilidade social. Ele promovia o conceito de “santidade prática”, ensinando que a salvação pessoal deve resultar em um compromisso ativo com o bem comum.

Inspirado pela ética bíblica e pela centralidade do amor cristão, Wesley engajou-se em diversas causas sociais, como o combate à escravidão, à exploração infantil nas fábricas, ao alcoolismo e à pobreza extrema. Ele fundou escolas, clínicas populares e sociedades de auxílio mútuo, além de incentivar a leitura e a formação moral das camadas mais pobres da população. O metodismo também contribuiu para o surgimento de uma consciência social cristã que influenciaria posteriormente movimentos como o abolicionismo, o sindicalismo cristão e as campanhas por reformas sociais e políticas públicas mais justas.

Segundo John Stott (2006), o cristianismo autêntico não deve se limitar a proclamar verdades espirituais, mas precisa também confrontar as estruturas de pecado presentes na sociedade, denunciando as injustiças e propondo caminhos práticos para uma vida justa, compassiva e moralmente orientada. Para Stott, a fé cristã oferece um fundamento sólido para a ética pública, pois une princípios absolutos (como a dignidade da pessoa humana, a justiça e a solidariedade) a uma motivação interna transformada pelo amor de Deus. Assim, tanto Wesley quanto pensadores contemporâneos como Stott apontam para uma moral cristã que não se reduz a normas individuais, mas que é vivida no contexto relacional, comunitário e social,

contribuindo ativamente para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e humana.

4.3. OS VALORES MORAIS SEGUNDO O PENSAMENTO JUDAICO-CRISTÃO

O pensamento judaico-cristão ocupa lugar central na formação moral das civilizações ocidentais, influenciando profundamente a estrutura ética, jurídica e cultural do Ocidente ao longo dos séculos. A partir das Escrituras Sagradas — especialmente o Antigo e o Novo Testamento — emergem princípios éticos fundamentais que moldaram concepções de justiça, dignidade humana, responsabilidade e solidariedade. Valores como justiça, verdade, misericórdia, compaixão, fidelidade e amor ao próximo são apresentados não apenas como normas de conduta, mas como expressões da vontade divina e da aliança entre Deus e a humanidade. Um dos pilares dessa tradição encontra-se na instrução bíblica: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (LEVÍTICO 19:18), que mais tarde seria reafirmada e aprofundada por Jesus como o segundo maior mandamento, juntamente com o amor a Deus (cf. Mateus 22:37–39).

Os Dez Mandamentos, contidos no livro do Êxodo (Êxodo 20), representam um marco normativo essencial da moralidade judaico-cristã, com forte influência na legislação ocidental e na formação das consciências individuais e coletivas. Essas prescrições não apenas regulam o relacionamento entre o ser humano e Deus — como no caso do culto exclusivo e do respeito ao nome divino — mas também estabelecem normas fundamentais de convivência humana, como o respeito aos pais, a proibição do homicídio, do adultério, do roubo e da mentira. Esses princípios promovem uma ordem social baseada na equidade, no respeito mútuo e na proteção da dignidade humana. A moralidade aqui não se baseia em meras convenções sociais, mas em um senso de justiça objetiva, enraizada na santidade de Deus e na responsabilidade do ser humano como portador de Sua imagem. Essa ética relacional é também enfatizada por Jesus no Novo Testamento, como se vê na afirmação: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros” (JOÃO 13:35), indicando que a verdadeira identidade do cristão se revela na vivência prática do amor.

Na tradição judaica, os valores morais estão estreitamente vinculados à Torá — os cinco primeiros livros da Bíblia — que não apenas oferece diretrizes éticas, mas regula todas as esferas da vida, incluindo a justiça social, os deveres comunitários, o cuidado

com os pobres e estrangeiros, e os princípios de equidade e retidão nos negócios e nas relações interpessoais. O cumprimento da lei é entendido como expressão de fidelidade a Deus e participação na santidade divina. Já no cristianismo, a figura de Jesus Cristo torna-se o referencial supremo da conduta moral. Ele não abole a lei, mas a cumpre e a aprofunda, revelando sua dimensão mais profunda: a ética do coração. No Sermão do Monte (Mateus 5–7), por exemplo, Jesus reinterpreta os mandamentos com um chamado radical à interiorização da lei moral — não basta apenas não matar, mas é necessário eliminar o ódio; não basta não cometer adultério, é preciso purificar o olhar e as intenções.

A perspectiva judaico-cristã, portanto, não se limita a um conjunto de regras externas, mas propõe uma transformação interior do ser humano que se reflete em atitudes concretas de amor, justiça e misericórdia. Essa ética, fundamentada na relação com Deus e com o próximo, transcende o legalismo e busca uma moralidade integral que envolva mente, coração e ação. Sua aplicação se dá na vida cotidiana, em decisões justas, em relações compassivas e no engajamento com as necessidades sociais. Como observa John Stott: “a ética cristã é a ética do Reino, e é radical justamente porque vai ao coração da questão, não se satisfazendo com uma moralidade exterior e superficial” (STOTT, 2001, p. 48). O Reino de Deus, como anunciado por Jesus, não é apenas uma realidade futura, mas uma proposta concreta de transformação do presente, pautada por valores como humildade, justiça, misericórdia, reconciliação e serviço. Nesse sentido, a ética judaico-cristã continua sendo um referencial relevante e fecundo para a formação de consciências morais voltadas ao bem comum e à promoção de uma sociedade mais justa, solidária e pacífica.

4.4. O REINO DE DEUS E OS VALORES MORAIS

O conceito de Reino de Deus, central na mensagem de Jesus, refere-se não apenas a uma realidade futura e transcendente, mas também a uma experiência presente e transformadora. O Reino de Deus se manifesta onde há justiça, paz, amor e serviço ao próximo — valores morais que desafiam os padrões egoístas da sociedade. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (MATEUS 5:6). Nos Evangelhos, Jesus anuncia que o Reino de Deus pertence aos pobres, aos humildes, aos misericordiosos e aos que promovem a paz (cf. Mt 5:1–12). Essa visão moral subverte estruturas sociais injustas e propõe uma nova lógica baseada na graça, no perdão e no acolhimento do outro. Como afirma Leonardo Boff, “O Reino de

Deus é um reino de justiça social, não apenas um conceito espiritual” (BOFF, 1972, p. 104).

John Stott enfatiza que “os valores do Reino são contraculturais: enquanto o mundo exalta o poder, Jesus ensina a humildade; enquanto o mundo promove a vingança, Ele proclama o perdão” (STOTT, 2001, p. 56). Assim, o Reino de Deus representa um desafio contínuo à moralidade baseada no interesse próprio e ao egoísmo institucionalizado.

Barros e Júnior (2011, p. 44) complementam: “a educação para os valores humanos deve ser assumida como uma responsabilidade ética e política, que visa formar sujeitos conscientes, sensíveis e comprometidos com a justiça e a paz”.

Ao convidar seus discípulos a “amar os inimigos”, “perdoar setenta vezes sete” e “andar a segunda milha”, Jesus apresenta uma ética radical, baseada em princípios de reconciliação e não de retaliação. Assim, os valores do Reino transcendem a moral legalista e apontam para um ideal de convivência mais elevada e compassiva.

4.5. JESUS CRISTO COMO EXEMPLO DE CONDUTA MORAL

A vida de Jesus Cristo é, para os cristãos, a expressão perfeita dos valores morais em ação, revelando de forma concreta e encarnada os princípios éticos do Reino de Deus. Seus gestos, palavras e decisões evidenciam uma profunda coerência entre discurso e prática, sendo Ele o modelo supremo de integridade moral. No convívio com os marginalizados — como leprosos, mulheres rejeitadas, cobradores de impostos e pecadores públicos — Jesus rompeu barreiras sociais, culturais e religiosas, demonstrando que a verdadeira moralidade não está no cumprimento ritualista da lei, mas no amor ativo, na compaixão e na justiça restauradora. Seu encontro com a mulher adúltera (João 8:1–11), por exemplo, revela a união entre verdade e misericórdia: Ele não a condena, mas a convida à transformação. Seu ensino é sempre acompanhado de ações concretas, como a cura do cego Bartimeu (Marcos 10:46–52), a multiplicação dos pães (Marcos 6:30–44) e o acolhimento das crianças (Mateus 19:14), expressando a ética da solidariedade e do cuidado com os vulneráveis.

Além disso, Jesus confrontou com ousadia as estruturas de poder injustas e denunciou a hipocrisia religiosa dos fariseus e escribas, que muitas vezes usavam a lei para oprimir em vez de libertar (Mateus 23). Seu ensino sobre o amor ao próximo como maior mandamento (Marcos 12:30–31), e a parábola do bom samaritano (Lucas

10:25–37), elevam a ética cristã ao patamar do compromisso radical com a dignidade do outro, independentemente de sua origem ou condição. Seu amor incondicional se estende até os inimigos, como se vê em seu ensinamento: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mateus 5:44), e atinge seu clímax na cruz, onde clama: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34), revelando uma moralidade fundada no perdão, na entrega e na reconciliação.

Jesus não apenas ensinou sobre o perdão, a humildade e a misericórdia — Ele os viveu em plenitude. Seu sacrifício na cruz é compreendido pelos cristãos como o ápice da ética do amor: uma entrega total de si mesmo pelos outros, mesmo diante da rejeição, da dor e da injustiça. Essa doação voluntária reflete a essência da moral evangélica: dar a vida pelo outro (cf. João 15:13). Como afirma Frei Betto, “Jesus é o paradigma do ser humano plenamente realizado, porque viveu de forma coerente com os valores do Reino” (BETTO, 2006, p. 88). Seu modo de viver — em simplicidade, compaixão e fidelidade à vontade do Pai — torna-se o modelo ideal de conduta moral. John Stott também enfatiza essa dimensão formativa da vida de Cristo: “o caráter moral de Cristo não era apenas admirável, mas imitável. Ele nos deixou um exemplo para que sigamos os seus passos” (STOTT, 2001, p. 63). Nesse sentido, Jesus não é apenas um mestre da moral, mas o próprio Caminho (João 14:6) — aquele que encarna a verdade e a vida, convidando seus seguidores a viverem de maneira semelhante. Para a educação moral, especialmente em ambientes escolares com inspiração cristã ou interconfessional, a figura de Jesus representa uma fonte inesgotável de exemplos, atitudes e princípios que podem ser traduzidos pedagogicamente. A ética do Evangelho propõe uma formação integral que desenvolve virtudes como empatia, justiça, fidelidade, solidariedade e serviço ao próximo.

Ensinar valores morais à luz do Evangelho, portanto, não é apenas transmitir conteúdos éticos, mas promover nos educandos uma reflexão profunda sobre o sentido da vida, sobre o bem comum e sobre o chamado à responsabilidade moral diante do outro. É inspirar atitudes que brotam de um coração renovado, que vê no outro não um adversário ou estranho, mas um irmão a ser amado e servido. Como está escrito: “Em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas” (Mateus 7:12). Assim, a moral cristã proposta por Jesus é ativa, relacional e transformadora — um convite à vivência concreta do amor, não como sentimento passageiro, mas como compromisso ético permanente.

5. O EVANGELHO NA PRÁTICA A SERVIÇO DA SOCIEDADE

5.1. O EVANGELHO COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA NA SOCIEDADE

A vivência do Evangelho vai além do domínio teórico e litúrgico: trata-se de um compromisso ético, relacional e social que transforma realidades concretas. Jesus não veio apenas proclamar uma nova doutrina, mas inaugurar um Reino de justiça, paz e amor (cf. Lc 4:18-19), chamando seus seguidores a serem fermento no mundo (Mt 13:33), sal da terra e luz do mundo (Mt 5:13-16). Sua mensagem desafia estruturas de opressão, promove a dignidade dos excluídos e convida à conversão do coração e das práticas cotidianas. Dessa forma, o Evangelho torna-se uma força transformadora que transcende ritos e discursos, tornando-se vida encarnada no serviço ao próximo e na promoção da justiça.

De acordo com Stott (2001), “a missão cristã envolve tanto a proclamação quanto o serviço; não se trata apenas de anunciar o Reino, mas de vivê-lo de forma prática na sociedade”. Essa afirmação ressalta a necessidade de uma fé encarnada, que se manifesta em ações transformadoras no cotidiano das comunidades. Ainda em sua obra *A Missão Cristã no Mundo Moderno*, o autor enfatiza que a missão integral “reúne evangelização e ação social como dimensões complementares da presença do Reino de Deus no mundo” (STOTT, 2003, p. 30). Essa compreensão resgata o modelo da Igreja Primitiva, onde a comunhão dos bens, a solidariedade e o cuidado mútuo eram expressões visíveis da fé (cf. At 2:44-47; 4:32-35).

Historicamente, a prática do Evangelho em favor da sociedade remonta à Igreja Primitiva, onde os cristãos eram reconhecidos pelo amor que tinham uns pelos outros (Jo 13:35). O cuidado com órfãos, viúvas e estrangeiros (Dt 10:18-19; Tg 1:27) tornou-se marca da identidade cristã. A partir do século IV, com a oficialização do cristianismo no Império Romano pelo Édito de Milão (313), surgiu uma nova realidade sociopolítica em que os cristãos puderam fundar instituições como hospitais, escolas e casas de acolhimento. Iniciativas como o complexo social de São Basílio, em Cesareia, são exemplos pioneiros de políticas públicas inspiradas pela fé cristã.

Durante a Idade Média, as ordens monásticas desempenharam papel essencial na manutenção da cultura, da espiritualidade e da assistência social. Beneditinos, franciscanos e dominicanos foram protagonistas na fundação de escolas monásticas, *scriptoria* (centros de cópia e preservação de manuscritos) e hospitais, unindo fé,

trabalho e caridade como pilares de uma vida dedicada a Deus e ao próximo. O monge Alcuíno de Iorque, por exemplo, foi responsável por reorganizar o sistema educacional do Império Carolíngio, contribuindo para a valorização da leitura, da escrita e da formação moral cristã nas escolas ligadas aos mosteiros.

No período da Reforma Protestante (século XVI), a valorização da leitura da Bíblia por todos os fiéis levou à promoção da alfabetização e da educação básica universal. Martinho Lutero defendia que a escola deveria ser acessível a todos, meninos e meninas, e que o ensino deveria integrar a formação intelectual com a instrução moral e religiosa. João Calvino, por sua vez, fundou a Academia de Genebra, que combinava teologia, filosofia e ciências humanas, formando líderes intelectuais e espirituais comprometidos com a transformação da sociedade.

Nos séculos XIX e XX, os movimentos missionários evangélicos expandiram essa tradição ao fundar escolas, hospitais, orfanatos e outras obras sociais em diversos continentes, especialmente em regiões marcadas por pobreza e desigualdade. Instituições como o Exército da Salvação (fundado por William Booth), a Cruz Vermelha (inspirada por princípios cristãos), a World Vision e a Tearfund são expressões contemporâneas dessa aliança entre fé e serviço, demonstrando que a ética cristã não se restringe ao culto, mas se estende ao cuidado com o próximo e à promoção da justiça.

5.2. A EDUCAÇÃO COMO ESPAÇO DE ENCARNAÇÃO DOS VALORES DO EVANGELHO

Aplicado ao contexto educacional, o Evangelho se revela como instrumento de formação integral, promovendo valores que orientam os indivíduos na construção de uma sociedade mais justa, empática e solidária. Essa visão pedagógica fundamenta-se no exemplo de Cristo, que ensinava por meio de parábolas, gestos e presença amorosa, demonstrando que o ensino mais eficaz nasce da vivência coerente dos valores ensinados. Tal proposta compreende o aluno como sujeito integral — corpo, mente, emoções e espírito — e busca uma educação que vai além da instrução intelectual, alcançando o desenvolvimento moral, emocional e espiritual dos educandos.

Essa proposta pedagógica reforça, ainda, a importância de integrar a fé ao processo educativo, conforme destacam Barros e Júnior (2011, p. 42), ao afirmar que “os valores humanos, quando enraizados em uma visão ética e espiritual, tornam-se

pilares para uma educação mais integral e transformadora”. Tal educação se alinha com o pensamento de Paulo Freire, que defendia uma pedagogia voltada para a libertação e a consciência crítica, o que não é incompatível com uma visão cristã do ser humano como agente de transformação e testemunha da verdade.

5.3. O PROJETO CAPAZ: EVANGELHO, EDUCAÇÃO E JUSTIÇA SOCIAL

Nesse horizonte, o Projeto Capaz surge como uma resposta concreta ao chamado cristão de servir ao próximo, atuando diretamente no ambiente escolar com adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade emocional, social ou moral. A proposta do projeto articula Evangelho e educação, fé e cidadania, espiritualidade e responsabilidade social, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, solidários e comprometidos com o bem comum. Inspirado na pedagogia libertadora do Evangelho, o Projeto Capaz entende a escola como espaço privilegiado de transformação social, onde valores como solidariedade, empatia e justiça podem ser vivenciados de forma prática.

O Projeto Capaz, inspirado por essa perspectiva, atua dentro das escolas como um agente de promoção de valores morais fundamentados no Evangelho. Por meio de oficinas temáticas, rodas de conversa, dinâmicas de grupo, mentorias e projetos de intervenção social, busca-se despertar nos adolescentes a consciência ética, o senso de responsabilidade e a empatia pelo outro. Valores como respeito, solidariedade, perdão, justiça, cooperação, generosidade e amor são abordados de maneira acessível e prática, promovendo não apenas o conhecimento, mas principalmente a vivência desses princípios no cotidiano escolar e familiar.

A presença do Projeto Capaz em contextos escolares revela-se ainda mais relevante diante das crises contemporâneas enfrentadas pela juventude: o individualismo exacerbado, a banalização da vida, a violência, o consumismo, o relativismo ético e o vazio existencial. Nesse cenário, a proposta do Evangelho como força transformadora ganha um novo sentido: oferecer aos adolescentes e jovens não apenas respostas religiosas, mas experiências concretas de pertencimento, solidariedade e propósito.

John Stott (2001, p. 75) já advertia: "não podemos nos isentar do desafio de viver o Evangelho em um mundo ferido. A Igreja é chamada a ser sal e luz — influenciar e transformar, não se conformar". O Projeto Capaz responde a esse desafio ao criar espaços de acolhimento, reflexão e ação, onde adolescentes podem se reconhecer como protagonistas da mudança social a partir de valores cristãos.

Assim, a atuação do Projeto Capaz é expressão da missão cristã em sua forma mais concreta e atualizada. Ele não visa impor uma crença, mas oferecer aos jovens, ferramentas morais para uma vida mais significativa, baseada em princípios duradouros. É o Evangelho traduzido em serviço, escuta ativa, ações educativas e compassivas, promovendo uma cultura de paz e cidadania.

Nesse cenário, o Evangelho se concretiza como um caminho possível e necessário para o enfrentamento das desigualdades e para o fortalecimento das relações humanas. Ele se mostra eficaz não apenas como doutrina, mas como prática viva de amor ao próximo, serviço e justiça — fundamentos essenciais para qualquer projeto educacional comprometido com a dignidade humana e a esperança.

6. OS DESAFIOS DA TRANSMISSÃO DOS VALORES MORAIS NA ERA DA PÓS-VERDADE

6.1. A CRISE DA VERDADE E O RELATIVISMO MORAL CONTEMPORÂNEO

O advento da era da pós-verdade, caracterizada pela prevalência das emoções e crenças pessoais sobre os fatos objetivos, representa um dos maiores desafios contemporâneos para a vivência e a transmissão de valores morais. Nesse contexto, a verdade passa a ser relativizada, perdendo sua centralidade como referencial ético e social. Essa relativização afeta diretamente a percepção e a prática dos valores morais, uma vez que estes deixam de ter uma base sólida e universal.

Segundo o Dicionário Oxford (2016), a “pós-verdade” refere-se a “circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e às crenças pessoais”. Isso gera uma sociedade onde cada indivíduo constrói sua própria verdade, muitas vezes em oposição a princípios morais tradicionais e absolutos, como os ensinados pelo Evangelho.

Nesse cenário, os discursos predominantes tendem a favorecer uma autonomia desvinculada de responsabilidade coletiva, tornando os valores flexíveis conforme interesses pessoais ou ideológicos. A moral deixa de ser orientada por princípios universais e passa a ser moldada pela conveniência, o que leva à erosão dos referenciais éticos comuns. Como alerta Lewis (2001, p. 56), “retirar os fundamentos objetivos do certo e errado é como cortar os alicerces de uma casa e esperar que ela permaneça de pé”.

Essa crise da verdade, além de gerar insegurança ética, afeta o tecido social, contribuindo para o aumento da intolerância, da polarização e da banalização do sofrimento humano. A ausência de um padrão moral confiável enfraquece a noção de bem comum, tornando os vínculos sociais mais frágeis e as relações humanas mais utilitárias.

6.2. O IMPACTO DA PÓS-VERDADE NA EDUCAÇÃO E NA FORMAÇÃO ÉTICA

No campo educacional, a era da pós-verdade impõe novos e complexos desafios. A escola, tradicionalmente vista como espaço de construção do conhecimento e da formação ética, sofre com discursos que relativizam a autoridade do educador e a validade de conteúdos éticos. Conceitos fundamentais como justiça, perdão, respeito,

empatia e amor — centrais na mensagem cristã — correm o risco de se tornarem subjetivos ou descartáveis.

A liberdade de pensamento, embora essencial, tem sido confundida com a ausência de parâmetros éticos. Isso cria ambientes onde a pluralidade de ideias, em vez de promover diálogo, acaba gerando desorientação moral. Como afirma Bauman (2005), vivemos tempos líquidos, onde nada é feito para durar — inclusive os valores. Isso torna ainda mais urgente o resgate de princípios que ofereçam consistência e propósito à vida em sociedade.

Nesse cenário, o papel do educador cristão torna-se profético: ensinar não apenas conteúdos, mas também cultivar virtudes que ajudem os estudantes a discernirem entre o efêmero e o essencial. A formação ética precisa ultrapassar a mera transmissão de normas e alcançar o desenvolvimento de uma consciência crítica e compassiva, enraizada em valores morais duradouros.

De acordo com Gadotti (2000), a educação deve ser um instrumento de humanização, ajudando os indivíduos a compreenderem seu papel no mundo e a se responsabilizarem pelas escolhas que fazem. Isso se harmoniza com a visão cristã de que educar é formar para o amor, para a solidariedade e para a verdade — fundamentos indispensáveis à construção de uma sociedade mais justa.

6.3. O PROJETO CAPAZ COMO RESISTÊNCIA ÉTICA E TESTEMUNHO DE VERDADE

A atuação do Projeto Capaz, nesse contexto, apresenta-se como uma resistência ética à lógica da pós-verdade. Ao promover encontros que valorizam o diálogo, a escuta e a empatia, o projeto convida os jovens a refletirem sobre princípios que transcendem o momento e se enraízam em valores perenes. Através de uma pedagogia fundamentada no Evangelho, busca-se restaurar o senso de verdade, justiça e dignidade.

O Projeto Capaz entende que comunicar os valores do Evangelho hoje exige sensibilidade cultural e linguagem acessível, mas sem abrir mão da fidelidade à verdade. Como destaca Barros e Júnior (2011, p. 45), “a formação ética e espiritual precisa estar atenta aos contextos culturais e às novas linguagens, sem, contudo, abdicar de seus fundamentos”. A proposta é oferecer aos adolescentes e jovens não respostas prontas, mas experiências que despertem consciência crítica e responsabilidade moral.

Com práticas como mentorias, círculos de diálogo, projetos solidários e oficinas de reflexão, o projeto busca reverter a lógica da pós-verdade, reafirmando que os valores morais não são imposições arbitrárias, mas caminhos de liberdade, justiça e convivência humana. A verdade é compreendida não como um conceito autoritário, mas como uma experiência de integridade, coerência e amor ao próximo, como vivida por Jesus.

A resistência cristã à pós-verdade não é uma imposição dogmática, mas uma proposta de vida coerente, integral e voltada ao bem comum. Ao reafirmar a importância da verdade como caminho para a liberdade (cf. João 8:32), o Evangelho apresenta-se como alternativa segura e esperançosa frente ao caos ético de nossos tempos. Nesse sentido, o Projeto Capaz torna-se uma expressão viva dessa resistência, ao afirmar que os valores morais não são apenas conceitos abstratos ou subjetivos, mas práticas concretas que podem transformar vidas e construir pontes em meio à fragmentação cultural da atualidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível compreender que a formação moral, alicerçada em valores éticos e espirituais, é indispensável para o desenvolvimento integral do ser humano, sobretudo em contextos educacionais marcados por desigualdade, violência e desagregação de vínculos sociais. A análise do Projeto Capaz revelou-se uma experiência significativa nesse sentido, ao unir prática pedagógica, espiritualidade cristã e compromisso social.

Os fundamentos históricos e filosóficos abordados evidenciaram que a discussão sobre moralidade acompanha a humanidade desde os primórdios da civilização, sendo ressignificada ao longo do tempo por diferentes correntes de pensamento. No entanto, é no Evangelho e no testemunho de Jesus Cristo que se encontra um referencial ético profundo e transformador, baseado na dignidade humana, na justiça, no amor ao próximo e na promoção da paz.

O referencial bíblico resgatado no trabalho demonstra que a prática cristã, quando vivida de forma autêntica, sempre esteve comprometida com a educação do ser humano em sua totalidade — corpo, mente e espírito — promovendo não apenas conhecimento, mas também sabedoria, caráter e consciência social.

A vivência concreta do Projeto Capaz demonstrou que é possível promover mudanças de comportamento e reflexão ética entre os estudantes, especialmente quando esses são convidados a refletir sobre suas atitudes, valores e relações interpessoais. A escuta ativa, o acolhimento e o exemplo dos voluntários cristãos se mostraram elementos fundamentais na construção de vínculos e na mediação de conflitos.

Conclui-se, portanto, que a aplicação de valores morais fundamentados no Evangelho, de maneira pedagógica e contextualizada, pode tornar-se uma potente ferramenta de transformação pessoal e social. O espaço escolar, quando aberto ao diálogo com experiências como o Projeto Capaz, revela-se fértil para o florescimento de uma educação que transcende conteúdos e que forma seres humanos mais justos, empáticos e comprometidos com o bem comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2003.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Antonio de Castro Caeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BARROS, Paulo Sérgio; JÚNIOR, Raimundo Nonato. *Educação e valores humanos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2011.
- BETTO, Frei. *O amor fecunda o universo: Ecologia e espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador: Ensaio de Cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- CÓDIGO DE HAMURÁBI. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-antiga/codigo-hamurabi.htm>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- FRANÇA, Rafael da Silva; VINICIUS, Marcos. *Eu sou capaz: amar, viver e ensinar*. São Paulo: Independente, 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir. *Educação e globalização: desafios para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 2000.
- JOÃO, Apóstolo. *Bíblia Sagrada*. João 13:35.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2007.
- KOHLBERG, Lawrence. *Essays on Moral Development*. San Francisco: Harper & Row, 1981.
- LEVÍTICO. *Bíblia Sagrada*. Levítico 19:18. LEWIS, C. S. *A abolição do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEWIS, C. S. *A abolição do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LUCAS, Evangelista. *Bíblia Sagrada*. Lucas 23:34.
- MATEUS, Apóstolo. *Bíblia Sagrada*. Mateus 5:1–12.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- OXFORD DICTIONARY. *Word of the Year 2016 is...* Oxford University Press, 2016. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Abril Cultural, 1996. (Os Pensadores).

RICOTTA, Luiza. *Você conhece seus valores pessoais?* São Paulo: Literare Books, 2020.

STOTT, John. *O cristão em uma sociedade não cristã.* São Paulo: ABU Editora, 2001.

STOTT, John. *A missão cristã no mundo moderno.* Viçosa: Ultimato, 2003.